

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Artigos Livres

Volume 21 | Número 3 | Ano/período: setembro/dezembro 2022

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v21i3.13794

ISSN: 2763-8804

A guerra do contestado sob a ótica da obra *o jagunço*:

violência, gênero, memória e resistência

Maria Cristina Ferreira dos SANTOS¹  

Sandro Luiz BAZZANELLA²  

Eloi Giovane MUCHALOVSKI³  

Alexandre Assis TOMPOROSKI⁴  

¹Doutora em Estudos Literários pela UFRGS. Docente na Rede Estadual do Estado de Santa Catarina e na Universidade do Contestado (UNC). <https://orcid.org/0000-0002-5055-3450>

² Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de Filosofia na graduação e do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UNC). <https://orcid.org/0000-0002-9430-8684>

³ Mestre em História (2018) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); Graduado em História (2006) pela mesma instituição. Dedicar-se a pesquisas que versam sobre o Movimento do Contestado e também temas relacionados a Etnicidade, História Indígena e História Agrária. É membro do Grupo de Pesquisa "Entre Índios e Caboclos: (Etno)História, Cultura e Diacricidade entre coletivos indígenas invisibilizados na Região do Contestado", da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e do Grupo de Pesquisa "NUPHIS - Núcleo de Pesquisa em História, da Universidade do Contestado", ambos certificados pelo CNPq. <https://orcid.org/0000-0003-3844-4128>

⁴ Possui graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2003), Mestrado (2006) e Doutorado (2013) em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Sua atuação concentra-se nas áreas de História Regional,

Juliana MACIEL⁵  

DOAJ
DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

SANTOS, Maria Cristina Ferreira dos; BAZZANELLA, Sandro Luiz; MUCHALOVSKI, Eloi Giovani; TOMPOROSKI, Alexandre Assis; MACIEL, Juliana. A guerra do contestado sob a ótica da obra o jagunço: violência, gênero, memória. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 21, n. 3, p.119-140, set/dez 2022.

Recebido em: 23/08/2022 | Aprovado em: 05/12/2022 | Publicado em: 21/12/2022

História Social, Imigrações, História do Trabalho, História do Contestado e Desenvolvimento Regional. É professor permanente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e de diversos cursos de graduação da Universidade do Contestado (UNC), onde também coordena o Núcleo de Pesquisa em História (NUPHIS). . <https://orcid.org/0000-0002-3042-7844>

⁵ Bacharel em Direito. Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Contestado (UNC). <https://orcid.org/0000-0002-2576-7780>

A guerra do contestado sob a ótica da obra o jagunço: violência, gênero, memória e resistência

Resumo

O presente artigo tem por objetivo abordar a Guerra do Contestado na perspectiva de manifestação máxima da violência perpetrada pelo Estado brasileiro, a serviço de interesses empresariais e de coronéis locais e regionais. Demonstra-se que a violência, em suas múltiplas formas, atua também no aniquilamento da memória, das práticas, das vivências e da visão de mundo dos vencidos. Para o vencedor, configura-se como um mecanismo a legitimar a brutalidade de sua ação pela desqualificação do outro, daquele que foi violentado das mais diversas formas, seja por meio físico, simbólico ou discursivo. Nessa perspectiva de análise, propõem-se refletir sobre a violência discursiva presente na obra *O Jagunço*, na qual invisibiliza-se o protagonismo das mulheres no Movimento do Contestado. Conclui-se que a resistência dos vencidos por meio da preservação de sua memória, e sobretudo a reflexão e o debate em torno de sua visão de mundo, é socialmente legítima, urgente e necessária diante da perpetuação simbólica da guerra por meios literários.

Palavras-chave: Guerra do Contestado; Violência; Gênero; Memória; Resistência.

The war of the contestado from the view of the work the jagunço: violence, gender, memory and resistance

Abstract

This article aims to approach the Contestado War from the perspective of maximum manifestation of violence perpetrated by the Brazilian State, in the service of business interests and local and regional colonels. It is demonstrated that violence, in its multiple forms, also acts to annihilate the memory, practices, experiences and worldview of the losers. For the winner, it is configured as a mechanism to legitimize the brutality of his action by disqualifying the other, the one who was violated in the most diverse ways, whether by physical, symbolic or discursive means. From this perspective of analysis, we propose to reflect on the discursive violence present in the work *O Jagunço*, in which the role of women in the Contestado Movement is made invisible. Therefore, the resistance of the defeated through the preservation of their memory, and above all the reflection and debate around their worldview, is socially legitimate, urgent and necessary in the face of the symbolic perpetuation of war through literary means.

Keywords: Contested War; Violence; Gender; Memory; Resistance.

La guerra del contestado desde la mirada de la obra el jagunço: violencia, género, memoria y resistencia

Resumen

Este artículo tiene como objetivo abordar la Guerra del Contestado desde la perspectiva de la máxima manifestación de la violencia perpetrada por el Estado brasileño, al servicio de los intereses empresariales y coroneles locales y regionales. Se demuestra que la violencia, en sus múltiples formas, actúa también para aniquilar la memoria, las prácticas, las vivencias y la cosmovisión de los perdedores. Para el vencedor se configura como un mecanismo para legitimar la brutalidad de su acción al descalificar al otro, al que fue violado de las más diversas formas, ya sea por medios físicos, simbólicos o discursivos. En esta perspectiva de análisis, nos proponemos reflexionar sobre la violencia discursiva presente en la obra *O Jagunço*, en la que se invisibiliza

el papel de la mujer en el Movimiento Contestado. Se concluye que la resistencia de los vencidos a través de la preservación de su memoria, y sobre todo la reflexión y debate en torno a su cosmovisión, es socialmente legítima, urgente y necesaria frente a la perpetuación simbólica de la guerra por medios literarios.

Palabras clave: Guerra Contestada; Violencia; Género; Memoria; Resistencia.

A Guerra do Contestado, ocorrida entre os anos de 1912 e 1916 em vasta região que compreende praticamente todo o atual planalto catarinense, foi um dos mais importantes conflitos – caracterizados na luta pela terra – da história nacional, quicá da América Latina. De um lado, uma população sertaneja lutando pelo seu modo de vida, pela sua relação com a terra, com os bens naturais, motivada por questões territoriais, religiosas e agrárias; de outro, forças repressoras representantes dos coronéis locais e regionais, bem como das corporações empresariais multinacionais representadas pelas polícias do Paraná e Santa Catarina, pelo exército brasileiro, por grupos civis contratados pelos coronéis e por companhias estrangeiras – como a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Forças reconhecidas como legítimas no uso da violência estatal contra o modo de vida da comunidade cabocla regional, movidas pela intensificação da exploração madeireira, pelo estímulo à colonização mediante inserção de imigrantes europeus e intensa expansão latifundiária.

O complexo contexto entrelaçado de interesses das elites locais, regionais, nacionais e internacionais, em detrimento de uma população que historicamente subsistia da terra, propiciou o confronto de culturas e arranjos sociais divergentes, culminando na morte de milhares de pessoas entre sertanejos pobres e militares. Este singular conflito da história do Brasil republicano, impingiu dolorosas marcas naquela sociedade, as quais permanecem presentes até os dias atuais.

Por meio da intensa reflexão acadêmica sobre a temática, avolumada desde a década de 1980 e, principalmente, a partir dos anos 2000, sabe-se que suas causas foram múltiplas e regionalizadas. Ao contrário do que se disse e se pensou sobre o Contestado, comparando-a com Canudos (1896-1897), a produção acadêmica e literária sobre o tema é muito vasta e diversificada (RODRIGUES, 2012).

Diversas obras não historiográficas problematizaram o Contestado e são expressões nítidas da sua importância. Dentre estas, pode-se citar os trabalhos de Walmor Santos (2009), Wilmar D'angelis (2011) e Ricardo de Campos (2016). Contudo, há textos que além de expressarem a relevância do conflito são também material documental sobre a trajetória de pensamento e de memória. Representam a dimensão e a necessidade de apropriação do discurso acerca dos acontecimentos, perpetuando o silenciamento dos vencidos, dos sertanejos, dos caboclos, lançados na condição *homo sacer*ⁱ e que protagonizaram o Contestado.

Nesse sentido, nos é pertinente as reflexões de Malerba (2006), quando o autor afirma que ao se escrever acerca de uma época se faz uso de conceitos, normas, práticas, ideologias,

entendimentos, percepções, emoções, contextos que se referem à outra época. Especificamente a época de vivência do autor que a escreve. Assim, quando se analisa, a título de exemplo, obras literárias sobre o Contestado, faz-se necessário compreender o contexto da sua escrita. É fundamental o esforço para a apreensão das condições da sua produção, dos conceitos empregados, das visões de mundo e das motivações do autor, colocadas em jogo na redação e na composição da obra. Nesta direção, como disse Carbonell (1987), a historiografia nada mais é que a história do discurso escrito, o qual afirma-se como verdadeiro.

Na análise historiográfica, considerar a exterioridade presente deve ser um elemento norteador da observação, uma vez que as circunstâncias de escrita são, muitas vezes, tão importantes quanto a própria materialidade do texto. Os diversos incitamentos e situações exteriores ao objeto de problematização do trabalho analisado, em certos casos, permitem tratá-lo por enfoques diversificados, atribuindo ênfase muito mais ao seu contexto de produção do que necessariamente à sua materialidade narrativa.

Expedientes de uma história da historiografia do Contestado já foram realizadas por alguns historiadores. Espig (2008) em sua tese de doutorado, por exemplo, fez um significativo levantamento e análise das várias obras produzidas sobre a temática, constituindo um dos primorosos textos que alcançam destaque no que concerne ao estudo historiográfico do Movimento.

Contudo, nem sempre os textos literários foram incluídos no rol de análise da historiografia. Os aportes metodológicos e teóricos aprimorados a partir dos *Annales* possibilitaram a aproximação ainda maior da História com outros campos do conhecimento, incitando os historiadores a “saírem dos gabinetes ministeriais e das câmaras parlamentares para irem observar ‘ao vivo’ os grupos sociais e as estruturas econômicas, em suma, para abordarem cada sociedade no sentido de sua maior profundidade” (BURGUIÈRE, 1990, p. 129). Temáticas como a alimentação, a sexualidade e o corpo, são expoentes dessa aproximação, a qual é sob certos aspectos resultado de estudos interdisciplinares. No entanto, em tal percurso, vários foram os momentos de acirrado debate sobre os limites técnicos e epistemológicos das ciências humanas e sociais aplicadas convocadas para o diálogo interdisciplinar. Se em meados do século XX a História reviu suas bases teóricas e metodológicas, isso se constituiu pela intensa crítica exercida pelos sociólogos, que questionaram a cientificidade da História.

No caso do Contestado, os principais trabalhos iniciais, de ordem acadêmica, que abordaram o assunto, não foram da História, e sim da Sociologia. A tese de Maria Pereira de Queiroz, defendida na França em 1955 e publicada no Brasil em 1957, inaugurou o início da guinada acerca da interpretação do Movimento. Anos mais tarde, em 1966, Maurício Vinhas de Queiroz publicou: “*Messianismo e conflito social*”, um dos trabalhos mais lidos e citados

sobre o Contestado. Em 1974, Douglas Teixeira Monteiro publicou: *“Errantes do novo século”*, obra de intensa análise e que iluminou diversos outros estudos subsequentes, especialmente acerca da concepção do sertanejo, lido como um ator social de plenas capacidades racionais.

Portanto, no que tange os estudos sobre o Contestado, desde seus primórdios se apresentam propostas multidisciplinares, pois contribuições da Sociologia, da Geografia e da Antropologia foram inseridas nas diversas pesquisas realizadas. Mais recentemente, trabalhos como os de Heloisa Pereira Húbbe de Miranda (1997) e Abele Marcos Casarotto (2003), com: *“Travessias pelo sertão contestado: entre ficção e história, no deserto e na floresta”*; e *“O Contestado e os estilhaços da bala: literatura, história e cinema”*, respectivamente – ambos do ramo da investigação literária –, problematizaram as construções das narrativas ficcionais, procurando desvendar a intrínseca relação entre ficção e história.

Katiuscia Maria Lazarin (2005), com: *“Fanáticos, rebeldes e caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado (1916-2003)”*, contribuiu para o entendimento das diferentes narrativas acerca dos rebeldes, demonstrando as condições forjadas da representação destes na historiografia.

À proporção da ideia de se considerar o texto literário como fonte importante para o estudo da história, Veyne contribui nesse sentido, através da concepção *foucaultiana*, ao propor que existem nos discursos partes submergidas, que não estão explícitas nos textos, e que nem mesmo seus locutores e/ou autores têm plena consciência:

Se o historiador se ocupa não de que fazem as pessoas, mas do que dizem, o método a ser seguido será o mesmo; a palavra *discurso* ocorre tão naturalmente para designar o que é dito quanto o termo *prática* para designar o que é praticado. Foucault não revela um discurso misterioso, diferente daquele que todos nós temos ouvido: unicamente, ele nos convida a observar, com exatidão, o que assim é dito. Ora, essa observação prova que a zona do que é dito apresenta preconceitos, reticências, saliências e reentrâncias inesperadas de que os locutores não estão, de maneira nenhuma, conscientes. (VEYNE, 2014, p. 252).

Para Foucault (1996) não há tempo mais desenvolvido que outro, uma vez que as práticas, os métodos e as teorias não são eternas. Enfim, não existem entidades supra-históricas, os objetos e os sujeitos sofrem a ação de seu tempo, de seu momento histórico. O discurso é principiador, os objetos não preexistem às palavras, ao contrário, são os discursos que produzem os objetos, as verdades de determinado momento histórico. “Os objetos parecem determinar nossa conduta, mas, primeiramente, nossa prática determina esses objetos” (VEYNE, 2014, p. 249).

É sob tais pressupostos epistemológicos, teóricos e conceituais que se apresenta urgente e desafiador analisar e procurar compreender, a partir de relatos e acontecimentos

locais e regionais imersos na cotidianidade das relações comunitárias e sociais vivências da Guerra do Contestado, que as versões oficiais e “oficiosas” pretenderam relegar ao esquecimento.

Fernando Oswaldo de Oliveira: “O Jagunço: um Episódio da Guerra do Contestado”

Em 1917, quando a localidade de Três Barras consistia em distrito do município de Canoinhas no estado de Santa Catarina, Oswaldo de Oliveira foi nomeado como primeiro intendente de Três Barras. Filiado ao Partido Republicano Catarinense, foi deputado estadual entre os anos de 1919 a 1921 e no período entre 1925 a 1927. Foi reeleito em 1926, concomitantemente para prefeito municipal de Canoinhas e deputado estadual, assumindo, a pedido do governador Adolfo Konderⁱⁱ, a prefeitura de Canoinhas, para o mandato de 1926 a 1930, quando foi deposto pelo movimento político militar. Após o ano de 1945, filiou-se ao Partido Social Democrático (PIAZZA, 1985, p. 381). Eleito vereador em 02 de dezembro de 1947 tomou posse no dia 20 do mesmo mês para exercer o mandato de 1947 a 1951, como representante do município de Três Barras. Nesta legislatura foi, por duas vezes, eleito presidente da câmara municipal, e, durante o segundo mandato de presidente, no ano de 1949, ocorreu o falecimento do prefeito municipal, Otávio Tabalipa, tendo então sob tais circunstâncias reassumido o executivo como prefeito municipal até 31 de janeiro de 1951, vindo a falecer no ano seguinte, em 05 de setembro de 1952, vítima de colapso cardíaco.ⁱⁱⁱ

O sucesso e o apoio político que usufruía Oswaldo de Oliveira na região de Três Barras podem ser vislumbrados pela nota a seguir:

Realizou-se no dia 1º em Três Barras, no vizinho Estado de Santa Catarina, uma importante e entusiástica manifestação de apreço, solidariedade e simpatia, ao ilustrado médico e prestigiado político Sr. Dr. Oswaldo de Oliveira, Superintendente eleito de Ouro Verde. O povo tresbarrense, numa unanimidade sugestiva e tocante, acorreu efetivamente à residência daquele ilustre político. (...) O homenageado agradeceu sensivelmente comovido aquela manifestação, recebendo calorosos aplausos da multidão que lhe fora render tão sincera homenagem. O “Rio-negrense” associa-se às homenagens prestadas ao prestigioso político, que é um dos muitos e promissores valores morais do vizinho estado de Santa Catarina.^{iv}

É importante atentarmos que o jornal que relatava o significativo apoio a Fernando Oswaldo de Oliveira era originário do município de Rio Negro, no estado do Paraná, demonstrando a magnitude da influência política do médico da Lumber. Entretanto, ao contrário do que afirmava o jornal paranaense, Oswaldo de Oliveira não reunia tal “unanimidade sugestiva”, pelo menos não entre os trabalhadores da Lumber. Como veremos

adiante, ainda no ano de 1919, foi alvo de protestos dos trabalhadores da companhia, os quais acusaram o médico de perseguição política e exigiram sua saída dos quadros da empresa. Para elucidar os motivos desta reação dos trabalhadores, é preciso reconstruir as formas de atuação do médico da Lumber nos processos judiciais por acidente de trabalho, nos quais representou recurso preponderante para resolução de ações favoravelmente à companhia, evidentemente sustentado por sua privilegiada posição social e política na região. Ou seja, Fernando Osvaldo de Oliveira era o braço político da Lumber Company, intendente distrital e principal liderança política de Três Barras.

Segundo Paul Ricoeur, em *“A memória, a história e o esquecimento”* (2007), quando tratamos da memória coletiva acerca de um evento histórico, é possível que haja manipulação na escolha dos fatos a serem narrados, seja por esquecimentos aparentemente inocentes, os quais podem retornar, ou por opção ardilosa, consciente como estratégia para relatar o viés conveniente aos interesses dominantes em jogo.

No primeiro caso, temos a nosso favor o seguinte argumento: “ninguém pode fazer com o que não é mais não tenha sido” (RICOEUR, 2007, p.450), isto é, há sempre uma centelha mnemônica esperando o estímulo apropriado para vir à tona e alterar narrativas clássicas, ou que se pretendem hegemônicas.

No segundo, exige-se um pouco mais de trabalho histórico, pois:

Esquecimentos, lembranças encobridoras, atos falhos assumem, na escala da memória coletiva, proporções gigantescas, que apenas a história e, mais precisamente, a história da memória é capaz de trazer à luz. [...] O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja. Está em ação aqui uma forma ardilosa de esquecimento, resultante do desapontamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos (RICOEUR, 2007, p. 455).

Isso ocorre, muitas vezes, nas narrativas bélicas, porque, na maioria das vezes, são relatos apresentados pelos representantes do lado vencedor, como podemos constatar na obra: *“O Jagunço”*, de Fernando Osvaldo de Oliveira que, além de evidenciar uma postura preconceituosa em relação aos caboclos, por ele chamados de “fanáticos”, também desmerece a participação das mulheres. Ambos não tiveram voz e vez para demonstrar seus motivos e atuações. Foram desvalorizados pelo autor.

O referido escritor assim define o caboclo, que se mostrou contrário à invasão estrangeira e à modificação de seu estilo de vida e, por isso, viu-se lançado na condição de defesa de sua condição vital, de suas terras, de sua família, de sua comunidade.

Os jagunços carregavam consigo a força do espírito, mas queriam vencer pelas forças das armas. Era o erro do carisma que vicejava na ignorância, na ingenuidade e na simplicidade. O jagunço era tudo isso – ignorante, ingênuo e simples. Impregnado dessa força espiritual, era capaz de enfrentar o impossível e atingir o infinito. Nessa hora ele transcendia de si mesmo e se tornava gigante. (OLIVEIRA, 1978, p. 146).

As mulheres, por sua vez, são vistas, ao longo do enredo, como incapazes de compreender os motivos de um conflito armado. Esses fatores tornam a tarefa do historiador e analista de texto literário imprescindível, na medida em que é crucial desmistificar argumentos e conceitos de natureza preconceituosa e, dar lugar, também, para argumentos e conceitos advindos da condição dos vencidos.

Conforme Harald Weinrich, em *“Lete arte e crítica do esquecimento”* (2001), as guerras são, por si sós, orgias do esquecimento. Promovem, findo o combate, uma espécie de acordo entre envolvidos de que as atrocidades devem ser olvidadas. Outro viés exegetico proposto por Weinrich é de que, na maioria das vezes, historicamente as vidas das mulheres no contexto de um conflito foram narradas por homens e a partir de suas visões. Elas tiveram poucas oportunidades de compartilhar suas maneiras de conceber os fatos, os acontecimentos ocorridos, e escolher se queriam ser esquecidas ou olvidar pessoas e fatos, como é perceptível no raciocínio do autor:

Se já nos séculos passados era raro uma mulher superar as normas do destino feminino e escrever feito um homem, seria duplamente raro, e até onde sei nunca ocorreu, que mulheres ousassem afirmar-se na arte tão precária do esquecer. E como poderiam? Na história, eram elas as que facilmente faziam o papel de esquecidas. Ou, se não fossem inteiramente esquecidas [...], como nada escreveram e certamente nem soubessem escrever, só podemos adivinhar seus sentimentos (WEINRICH, 2001, p.127).

Acerca da Guerra do Contestado, por exemplo, além da problemática dos relatos históricos e literários terem sido feitos quase que exclusivamente pelo lado dos vencedores ou daqueles diretamente envolvidos e seus entusiastas, é desconhecido a existência de narrativas femininas sobre este violento e traumático acontecimento. Dessa forma, as mulheres são descritas pela ótica dos homens, cujas lentes analíticas estão embaçadas de preconceito, como ocorre com Mariazinha, personagem de *“O Jagunço”* (1978).

A ingenuidade e limites da visão de mundo de Mariazinha em meio a Guerra do Contestado

Nas primeiras páginas do livro, “O Jagunço”, de autoria supracitada, o narrador apresenta o casal Mariazinha e Nhoca, cujas vidas são alteradas devido ao conflito bélico do qual ele (Nhoca) faz parte combatendo o avanço da República e suas consequências para aqueles que foram desapropriados de suas terras:

O Nhoca e a Mariazinha tinham planos que ameaçavam ir por água a baixo, caso as coisas piorassem como parecia acontecer. Namoravam sorratamente, embora fossem vigiados por Dona Edite, que tinha percebido o amor crescente entre ambos, e que já faziam preparos de casamento, com o consentimento da mãe, pois Dona Edite estimava o Nhoca, como se fosse seu filho. Nhoca tinha dezesseis anos quando veio para a fazenda, montado na madrinheira que conduzia a tropa do seu Morais, pai de Mariazinha. Veio e ficou. Já era um homem feito, com mais de um metro e oitenta de altura, rosto redondo, olhos rasgados e esverdeados, tez clara e recordando os traços europeus que tinham caldeado sua gente. Dona Edite sempre o tratou como um menino e criou-o como filho. A afinidade entre ele e a Mariazinha cresceu e transformou-se num sentimento mais forte, como nascem e se transformam as coisas naturais, ingênuas e simples. Mariazinha era um amor de menina moça. Estava na idade em que todas as mulheres são lindas. Contava quinze anos feitos, miúda e morena, bem feita de corpo, embora o vestido que escorria, sem cintura pelo corpo, escondesse a exuberância de suas formas. Seu rosto era redondo com a boca pequena, olhos pretos que sorriam inocentes cada vez que o olhavam. O pai de Mariazinha, Seu Morais, de nada sabia, nem podia, pois os acontecimentos o absorviam cada vez mais, tornando-o a cada instante mais irritado, ameaçando constantemente abandonar tudo e ir juntar-se ao pessoal de São José Maria (OLIVEIRA, 1978, p. 6).

Nesse excerto, percebemos que, além da Guerra do Contestado alterar a dinâmica da família dos protagonistas, assim como várias outras vidas, a descrição da Mariazinha resume-se aos seus aspectos físicos, como ser bem-feita de corpo e estar na “flor da idade”, bem como o destaque a sua inocência, reforçando, destarte, o estereótipo da mulher que tem como principal qualidade a delicadeza e a beleza e é alheia à conjuntura.

Porém, quando seu pai e namorado decidem ir para Taquaruçu, lugar próximo a Campos Novos, onde estava a virgem Maria Rosa e o povo crente a São João Maria e São José Maria, ela mostra-se contrária, na medida em que teme as batalhas e acredita que a solução poderia ser distinta de meios violentos. No entanto, seus apelos são desconsiderados:

O medo estava estampado no rosto de Mariazinha. Ela segurava o Nhoca como se temesse perdê-lo. Segurava-o, como se fosse uma boneca que alguém quisesse roubar.

- Escute, Mariazinha, eu gosto de você, e você gosta de mim. Isto é importante e é a razão para lutarmos. Nós vamos ser felizes, mas temos que lutar. Eu sou afilhado de São João Maria. Foi ele quem me batizou, lá na gruta da Lapa. Ele é meu protetor e vai nos ajudar. A pregação que ele fez é responsável pelo que

está acontecendo. O povo acredita nele, que está vivo e vai voltar (OLIVEIRA, 1978, p. 8).

Observe-se a escolha vocabular que diminui Mariazinha à condição pueril. Apesar de terem praticamente a mesma idade, Nhoca é destemido, consciente dos problemas sociais e da conjuntura bélica, enquanto ela é estampada como uma menina egoísta, que trata seu namorado como se fosse um de seus brinquedos e que desconhece os motivos de seus ideais e de sua partida para os defender.

Logo, os posseiros se reúnem para decidir o que fazer em relação à tomada de suas terras pelo governo em prol da empresa Lumber. Durante a reunião, são advertidos por um advogado que devem proceder conforme a lei e aguardar a posse legal dos terrenos, o que é imediatamente redarguido e concluído que vão à Taquaruçu lutar por suas propriedades, seguindo os preceitos monárquicos e impulsionados pela fé no monge. Nesse entremeses, o narrador também mostra sua tendência misógina: “As mulheres, amedrontadas, começaram a rezar, sendo acompanhadas por alguns homens. Aos poucos, os vivos foram substituídos por ladainhas e os ânimos serenaram” (OLIVEIRA, 1978, p. 21), ao generalizar que todas as mulheres estavam amedrontadas, ao passo que os homens tinham controle sobre a situação.

Mais adiante, ao descrever o comportamento de Mariazinha durante o encontro, evidencia críticas em relação ao monge e, sobretudo, à moça, a qual, segundo sua visão, é ingênua em crer na entidade que seria a causa do conflito que ela rejeita:

Mariazinha, também envolvida pela crença e pela fé, transformava em preconceito aquela bagagem imensa e confusa dos conceitos emitidos pelos monges e que agora era uma carga pesada que tinha sobre as costas. Ela também invocava o monge na esperança de uma solução pacífica, quando era ele exatamente o responsável pela decisão da guerra (OLIVEIRA, 1978, p. 22).

Após certo tempo sua família juntamente com outras se mudam para Taquaruçu, e, durante o “pixirum”, a saber, trabalho comunitário em que todos se beneficiam, mais uma vez o autor desfila generalizações preconceituosas em relação a condição das mulheres em meio a Guerra do Contestado: “todo mundo ajudava na arrumação das coisas trazidas por Dona Edite. Como toda mulher, parecia uma formiga carregadeira, pois trouxe tudo que lhe pareceu necessário e realmente era” (OLIVEIRA, 1978, p. 55). Ou quando declara: “as moças como a Mariazinha corriam para lá e para cá, bisbilhotando, conversando sobre os fatos que ali aconteciam e as novidades que traziam” (OLIVEIRA, 1978, p.55). São exemplos de como as mulheres são retratadas como inadequadas para o contexto bélico e, totalmente indiferentes à importância histórica, social e econômica do conflito.

Entretanto, mesmo após ter criticado em diversas passagens Mariazinha e a descrito como uma criança mimada, conforme vimos nos exemplos supramencionados, ao narrar a chegada a Taquaruçu, o autor descreve o comportamento ambíguo da personagem:

A Mariazinha parecia duas pessoas, tal era o contraste de emoções entre a alegria daquela moçada e a tristeza da saudade do namorado, que via através do pensamento, envolto na névoa da recordação que a fazia entristecer. De vez em quando ficava alheia ao ambiente alegre que a rodeava e fitava o horizonte bordado pelos pinheiros que desenhavam o perfil das serras, como se quisesse ver através da floresta e chegar até onde estava seu namorado (OLIVEIRA, 1978, p. 55).

Não obstante relatar a complexidade, ainda caracteriza Mariazinha como distante da realidade, como se sua única prioridade fosse ter um encontro com Nhoca, o que é reforçado pela descrição de matiz patriarcal, senão machista em relação às suas amigas: “era arrancada de seus pensamentos pela curiosidade das moças que, ansiosas, queriam saber das novidades e da moda” (OLIVEIRA, 1978, p. 56).

Em outro excerto, equipara o sentimento amoroso dela ao dos fanáticos, desmerecendo, dessa forma, a ambos:

Ela tinha a intuição de que Nhoca a procurava. Sabia que ele estava tentando alcançá-la. Sentia a força do amor, que dá uma vidência invencível, confiança e segurança; a força que atravessa a realidade, torna-se forte e imensurável; a força que faz o imprudente, o fanático e o herói. A Mariazinha mal ouvia a conversa das companheiras. Estava imersa no devaneio do amor e cheia de esperança (OLIVEIRA, 1978, p. 56).

E, depois que Nhoca vai para a vila de Curitiba, o narrador discorre sobre Mariazinha, mostrando sua preocupação com o namorado e sua indiferença perante outras situações: “A Mariazinha mandava os irmãos olharem cada piquete que chegava e indagar sobre o paradeiro de Nhoca” (OLIVEIRA, 1978, p. 60).

Enquanto os homens discutem sobre o reduto de Taquaruçu com um deputado do Paraná que traz o posicionamento do Presidente da República, o qual determina que eles retrocedam, caso contrário teriam o acampamento destruído, as mulheres não participam das decisões e são descritas como responsáveis apenas pelas tarefas domésticas: “enquanto isso, Dona Edite e Mariazinha com as crianças, que estavam dentro de casa porque a chuva que caía intermitentemente as impedia de saírem, arrumavam as coisas que levariam” (OLIVEIRA, 1978, p. 75).

Mariazinha, que é contra o conflito, tenta argumentar sobre as consequências nefastas de uma nova batalha, mas, na medida em que nunca é ouvida tampouco é validada em seus

posicionamentos, se retrai: “levantou os olhos como quem vai dizer alguma coisa, mas arrependeu-se e voltou para o trabalho” (OLIVEIRA, 1978, p. 76). O narrador acrescenta que ela se resigna com a situação: “a Mariazinha, já conformada com o destino que teimava em separá-la de Nhoca, seguia indiferente às conversas de seus amigos, pressentindo um futuro que nunca chegava conforme seus desejos” (OLIVEIRA, 1978, p. 77).

Ao descrever o combate, além de se posicionar de uma maneira preconceituosa em relação aos caboclos, afirmando que a superioridade na luta se devia ao fanatismo: “era muito difícil vencer aquela gente treinada no manejo do facão e que, destemida e fanatizada, desafiava a morte. Expunha-se ao perigo porque acreditava na ressurreição e que voltaria no exército de São Sebastião” (OLIVEIRA, 1978, p. 83). O autor também menciona a presença feminina e a caracteriza como inadequado ao contexto bélico: “assim, encontraram somente uma mulher louca, que, indiferente a tudo, procurava enfeitar a saia, suja de sangue e de lama” (OLIVEIRA, 1978, p. 83).

Embora incompreendida, Mariazinha é a personagem com uma visão panorâmica sobre a guerra, uma vez que percebe para além do imediatismo, as consequências nefastas, seja no plano individual, quanto no plano coletivo e social do conflito. Para suportar as agruras do ambiente cruento, ela usa uma estratégia que, tanto Paul Ricoeur (2007), quanto Harald Weinrich (2001) consideram comum em contextos hostis, a saber, se refugiar nas lembranças para desvencilhar-se do presente e, ademais, se embrenhar em atividades para olvidar das reminiscências dolorosas. Assim, ela é uma personagem ambígua pois, ao mesmo tempo em que busca as recordações para suportar o presente, as repele se entretendo com o agora, como constatamos na passagem abaixo, quando chegam a Caraguatá:

A Mariazinha sentia ainda mais os resultados dos acontecimentos que a levavam para ainda mais longe quando parecia próximo seu encontro com o namorado. O destino teimava em separá-los e continuava arrastando-os na torrente de sangue, de ódio e de desespero que se interpunha entre ambos. Na companhia das demais moças, ela trabalhava ajudando a cuidar das crianças e a arrumar os ranchos recém-construídos e que, tidos como provisórios, mal permitiam uma acomodação precária. Recordava os instantes passados juntos na fazenda, quando ela, os meninos menores e o Nhoca pescavam no rio que passava perto de casa, ou quando andavam pelo mato recolhendo frutas silvestres. Atravessaram juntos a adolescência e, aos poucos, foram construindo aquela amizade que se transformava, dia a dia, num sentimento cada vez mais forte. [...] Voltava-lhe a memória dos tempos passados na fazenda e as imagens que se formavam na sua mente pareciam ter atravessado muitos anos, quando na verdade nem dois meses tinham transcorrido. Quando a mãe percebia que a Mariazinha transpirava infelicidade, procurava algum serviço que a tirasse desses pensamentos e que a distraísse. Até o tempo estava com ela, sombrio e carrancudo, fechado e sempre ameaçando chuva. De vez em quando uma réstia de sol passava através das nuvens, mas se mantinha sempre triste e derramava suas lágrimas sobre a terra. Assim, a Mariazinha: ela

e o tempo se identificavam em expressões igualmente melancólicas. Aquele tempo que passaram juntos e as lembranças que afloravam a sua memória, reproduzindo-lhe as imagens do Nhoca e dos meninos brincando despreocupados, aquela felicidade que tinham alcançado e que agora parecia tão longe, eram a força com que ela suportaria todo sofrimento que estava experimentando. [...] A sua mente povoava-se daqueles aspectos do passado, que comprimiam ainda mais seu peito, fazendo-a sofrer (OLIVEIRA, 1978, p. 85).

O sofrimento dela se amplia com o passar dos dias. Era visível a todos seu definhamento físico e mental, mesmo se envolvendo em tarefas para esquecer as lembranças boas, que a fazem sofrer por serem extintas, e as ruins, que a atormentam, se sente infeliz e tenta dialogar com o pai, mas ele discorda que o conflito deve findar antes de conseguirem reaver o governo monárquico.

A intuição feminina de Mariazinha percebia a inutilidade daquela guerra, e por isso argumentava: - Continuamos perdendo, perdemos bens materiais, mas agora perdemos o que está dentro da alma e isso não recuperamos. As crianças estão se criando com ódio. Ódio, indisciplina e violência. Elas estão perdendo o amor. E se o perderem ficarão vazias. Serão animais instintivos e maus. Não restará nada nelas (OLIVEIRA, 1978, p. 87).

Seu pai não tem a mesma perspectiva de análise que ela sobre o legado devastador de um conflito, como o fato de educar crianças com desejo de vingança, por exemplo. Para ele, é o preço a pagar, assim como discorda de que ela tenha o direito de reclamar a ausência de seu namorado, pois devia se orgulhar de sua bravura. No entanto, Mariazinha redargue com sensatez: “- É... Mas eu não quero um herói morto ou aleijado. Não quero um bandido feito na guerra. Eu quero um homem que tenha amor e não ódio” (OLIVEIRA, 1978, p. 87).

Por outro lado, no *front* onde ocorrem as batalhas, um ambiente marcadamente masculino no contexto da Guerra do Contestado, quando Nhoca demonstra que também está entretido nas rememorações de Mariazinha as quais usa para mitigar seu sofrimento, os companheiros de luta debocham e depreciam a figura feminina:

- Como é a saudade? – Perguntou o Alemãozinho pro Nhoca.

- Você está perguntando só pra me magoar.

Foi o Chico que respondeu...

- Cuidado, Nhoca! A mulher é como o jogo... quem se apaixona perde... fica mole e tanso, e você está mais mole que torresmo de porco novo.

- Você tem cada uma...

- É, não se cuide..., a gente fica que nem borboleta em volta do lampião, atordoado pela luz. Aí então é melhor criar família e se entregar de uma vez (OLIVEIRA, 1978, p. 98).

Depois da destruição de Taquaruçu pelas forças do Hermes – representando o governo da República – que mataram mulheres e crianças e destruíram casas, Mariazinha tem esperança de que a guerra termine e que eles se rendam. No entanto, seu pai e os demais adeptos da Monarquia, querem vingança. Mesmo que ela se esforce demonstrando as consequências da violência, é improdutivo sua argumentação:

- Sente-se aqui, minha filha, venha e ouça... A guerra vai continuar e agora mais cruel ainda, porque o ódio aumentou.

- Isto aqui é um inferno e ainda vai piorar.

- Agora não há mais escolha, filha, não podemos mais ir embora.

- E isso pode durar anos.

- Pode... Quem sabe?...

- Pai, essa guerra é inútil. Todas as guerras são erradas. O outro lado também tem gente sofrendo.

- Tem, mas foram eles que começaram, e não nós. Foram eles que tomaram as nossas terras...

- Mas, se essa guerra acabasse, não seria melhor?

- Eles só deixaram um caminho que nós podemos seguir: o da luta. E nós vamos lutar. Não temos outro recurso. Continuaram quietos e comendo. A Mariazinha voltou a falar.

- Ninguém tem amor no coração. É só ódio que existe e o ódio é incapaz de ajudar a pensar e agir, para encontrar um caminho melhor. O ódio quer destruir. É isso que faz a diferença entre o ódio e o amor. É por isso que eu tenho raiva dessa guerra (OLIVEIRA, 1978, p. 120).

E as consequências da guerra na vida individual são diversas, senão dolorosas e traumáticas como vemos na conclusão de uma conversa entre Aninha e Mariazinha, pois ambas sofrem as mazelas:

O diálogo que as duas mantinham refletia toda a angústia, todo o medo e todo o sofrimento da humanidade, como se elas fossem as depositárias universais da infelicidade. Eram também vítimas da guerra. A guerra, que absorve tudo. A guerra, que exige sacrifício, porque é o calor do ódio alimentado pelo fogo das paixões que a faz prosseguir viva e devastadora. Todos, indistintamente, irão pagando a preço imposto por ela – uns mais, outros menos, mas ninguém escapa da cota que é devedor (OLIVEIRA, 1978, p. 129).

Um dos sacrifícios é se tornar viúva na conjuntura bélica, e as que engravidam durante o conflito, como é o caso de Aninha, que perdeu seu namorado em combate e, ciente da hostilidade dos anos vindouros, teme o nascimento da criança: “Será que vale a pena gerar a vida nessas condições? Será que vale a pena tirá-la do sagrado silêncio, gerar a vida para oferecer-lhe um mundo de sofrimento, de dor e de ódio?” (OLIVEIRA, 1978, p. 139).

Quando Nhoca se encontra com Mariazinha, apesar do narrador afirmar que, assim como o moço tem seus argumentos favoráveis à guerra, ela também tem razão em repeli-la, logo enfraquece sua defesa e volta à postura misógina, afirmando que “teimosa como toda mulher, voltou a falar no assunto” (OLIVEIRA, 1978, p.157), ou, “Os dias continuavam e com eles continuava a insistência de Mariazinha, teimando sempre que a guerra era inútil” (OLIVEIRA, 1978, p.158). E o episódio que mais evidencia a segregação feminina, a afirmação do estereótipo de que as mulheres devem servir e obedecer aos homens é:

- Nós podíamos, longe daqui, estar fazendo isso tudo pra nós, não é, Nhoca?

- Não insista, Mariazinha, você sabe que eu vou continuar... até o fim.

- Às vezes, eu...

- Às vezes, você, o que? Você fala pela metade... explica...

O Nhoca dirigiu-se à Mariazinha e segurou o rosto dela com as duas mãos espalmadas, puxou-a para si e beijou-a.

- Você vai voltar a ser uma boa moça e concordar comigo (OLIVEIRA, 1978, p. 166).

Além de não deixar que ela apresente seus motivos para não querer que o conflito prossiga, ele finaliza a conversa de forma taxativa, isto é, se ela não for conivente, é uma moça má. Constata-se que as mulheres não tinham sequer o direito de discordar ou expor suas elucubrações. Dessa forma, as lembranças individuais e coletivas das mulheres que participaram do contexto da Guerra do Contestado, assim como de muitas outras é impedida de vir à tona, o que atesta a premissa de Paul Ricoeur (2007), de que manipular e dificultar o fluxo memorialístico é um dos mais sórdidos crimes contra a historiografia.

Não obstante todas as tentativas do namorado, pai, mãe e conhecidos de convencer a Mariazinha das possíveis vantagens, ou das questões de honra e de direito envolvidas no conflito, ao longo do enredo ela vai evoluindo sua percepção e se mantendo fiel ao seu posicionamento contrário ao conflito. No início, parece concentrar seu pensamento no fato de que a guerra a afastará de Nhoca, impedindo-os de constituir matrimônio. No entanto, no transcorrer da narrativa, demonstra que compreende a abrangência das consequências das batalhas:

- É, mas tudo em volta de mim cheira a ódio. Eu não sinto essa beleza que você proclama, e não sou forte para suportar o sofrimento. [...] Não adianta, eu não me conformo. Essas crianças com o rosto ingênuo, inocente e cheio de alegria, tendo amanhã, nos rostos, estigmas do ódio transformando-as, pintando nas suas fisionomias a máscara da vingança (OLIVEIRA, 1978, p. 173).

Uma vez que o desfecho é aberto, ou seja, não finda junto com a guerra, tampouco tem o famigerado “final feliz”, o diálogo derradeiro entre as personagens é, de um lado, Nhoca desejando defender seus ideais, independente das consequências e, de outro, Mariazinha idealizando o mundo sem conflitos, sem guerras. O narrador, por sua vez, adianta o prosseguimento das iniquidades inerente a guerra em curso:

Mal sabiam eles que muito sangue ainda se derramaria e que o solo do Contestado ia inchar-se de vermelho, embebido na seiva dos heróis, e eles continuariam envolvidos na avalanche do ódio que assolava o sertão catarinense. Eles eram duas personagens na grande tragédia da vida, arrastados pela fatalidade (OLIVEIRA, 1978, p.173).

Depois de mais de um século da finalização do conflito, podemos constatar que as mulheres ainda se encontram em situação de invisibilidade perante a sociedade. Isso é ainda mais evidente nos movimentos pós-Contestado^v, em que as mulheres não são apresentadas com protagonismo nos núcleos familiares e/ou na organização de insurgência e decisões políticas.^{vi}

Considerações finais

Talvez seja possível considerar que há um aspecto comum em todas as guerras empreendidas pela humanidade em sua aventura na Terra. Em todas, a brutalidade e a violência resultam não só na aniquilação física, mas também simbólica e discursiva dos vencidos. Trata-se de aniquilar o corpo individual, o coletivo, visões de mundo, ideais e posicionamentos que contrastam com interesses políticos e econômicos.

Assim a guerra, como expressão máxima da violência sobre o outro, pressupõe humilhação, fome, dor, sofrimento e morte. E, para além da morte física, da dilaceração do corpo, da cremação, ou mesmo da decomposição, trata-se, sobretudo, da aniquilação dos discursos, práticas e memória dos vencidos, pois, para que as justificativas do vencedor se tornem legítimas é preciso estabelecer a “verdade” do discurso. É preciso que haja o reconhecimento coletivo sobre a necessidade do exercício da violência para que a

aniquilação do outro, daquele que se apresentava inconveniente a determinados interesses, seja legitimada pela sociedade.

Sob tais pressupostos, a violência da Guerra do Contestado exigiu que antes, durante e após o conflito, se intensificassem e multiplicassem discursos de negação do protagonismo daquele que foi consumido pelas rajadas das metralhadoras, pelos disparos dos canhões, pela baioneta das hordas de milicianos a serviço dos coronéis, ou mesmo pela ação dos soldados – braço coercitivo do Estado – a serviço das elites agrárias e industriais envolvidos no conflito: o caboclo do Contestado e, na perspectiva deste texto, as mulheres do Contestado.

Por conseguinte, o discurso dos órgãos oficiais do Estado, comitê das elites nacionais, regionais e locais, é um discurso de invisibilização do caboclo do Contestado no imaginário social. Trata-se de nomeá-lo fanático, jagunço – desprovido de racionalidade –, entre outros termos que procuram expressar e, sobretudo, demonstrar aos “civilizados” – legítimos detentores do direito à violência –, a condição ambígua, miscigenada, híbrida e desarrazoada destes.

A Guerra, em sua ampla frente de batalha, se apresenta como mecanismo propiciador da invisibilização dos caboclos rebelados enquanto seres racionais. Racionalidade expressada na particular visão de mundo, com práticas sociais e comunitárias estabelecidas a partir das relações particulares com a natureza e demais membros da sociedade. Assim, para os coronéis, empresários e para o próprio Estado, a Guerra do Contestado foi um instrumento de aniquilação física, levada a cabo no campo de batalha, mas também de aniquilação simbólica, evidenciada pelos discursos proferidos nos tribunais, na imprensa escrita, na historiografia memorialista e na literatura. Tais discursos, interferem e reordenam a percepção de toda uma sociedade sobre estes eventos, resultando assim em esquecimento ou distorção exposto pelo senso comum, no qual a cotidianidade da vida em comunidade se manifesta.

A Guerra do Contestado, portanto, é um dos momentos do *continuum* da violência e da barbárie perpetrada no percurso do *ethos* escravocrata originário dos senhores de engenho, perpetuado e imposto pelos coronéis locais e pelas elites remanescentes. Em síntese, é a materialização da continuidade do conflito. Assim, a ressignificação do Contestado se expressa no esforço de historiadores, sociólogos, filósofos, teólogos, geógrafos, entre outros, para recuperar e preservar memórias, práticas e formas de vida vivenciadas pelos caboclos. As reminiscências da Guerra do Contestado estão no imaginário popular e na cultura, mas também nas ações de uma elite política que não reconhece a brutalidade dos eventos.

Como demonstrado neste texto de análise histórico-literária da obra *O Jagunço*, de Fernando Osvaldo de Oliveira, o Contestado é um *continuum* na invisibilidade das mulheres no contexto efetivo do conflito. É também o prolongamento de uma violência simbólica que impacta na exploração e desvalorização destas no mundo do trabalho. Uma guerra de

invisibilização discursiva que se perpetua e se exterioriza na desigualdade salarial, na minimização das oportunidades laborais, no reducionismo ao tempo e ao espaço doméstico, na violência e exploração sexual, no feminicídio. Isto posto, e diante da brutalidade da violência física e simbólica resultante da Guerra do Contestado, a resistência, por meio de preservação e da expressão pública da memória dos vencidos, não é somente justa, mas uma condição para verdadeiro fim do conflito e a constituição de uma sociedade que valorize e respeite a vida humana em todo o seu contexto, sem distinções de classe, etnia ou gênero.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida numa*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- BUENO, Évelyn. *Insurgências no pós-Contestado: O movimento de Timbó* (Porto União, 1942). Dissertação. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade do Contestado (UnC), 2022.
- BURGUIÈRE, André. A Antropologia Histórica. In: LE GOFF, Jaques (Org). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 125-152.
- CAMPOS, Ricardo de. *Caboclos Rebeldes: uma aventura pela Guerra do Contestado*. Canoinhas: Autor Editor, 2016.
- CARBONELL, Charles Olivier. *Historiografia*. Lisboa: Editora Teorema, 1987.
- CASAROTTO, Abele Marcos. *O Contestado e os estilhaços da bala: literatura, história e cinema*. 2003. 277f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *A República dos Coronéis contra a irmandade de São Sebastião*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011.
- ESPIG, Márcia Janete. *Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1915)*. 2008. 434f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- LAZARIN, Katiúscia Maria. *Fanáticos, rebeldes e caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado (1916-2003)*. 2005. 147f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-26.
- MIRANDA, Heloisa Pereira Húbbe de. *Travessias pelo sertão contestado: entre ficção e história, no deserto e na floresta*. 1997. 162f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *La "Guerre Sainte" au Brésil: Le mouvement messianique du "Contestado"*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1957.

PIAZZA, Walter Fernando (org.). Dicionário Político Catarinense. Edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 1985.

RODRIGUES, Rogério Rosa. *Os sertões catarinenses: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado*. 2001. 115f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. *Veredas de um grande sertão: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro*. 2008. 430f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, Walmor. *Contestado - A guerra dos equívocos: o poder da fé*. Rio de Janeiro, Record, 2009.

VEINE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Editora da UnB, 2014.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

ⁱ (...), no *homo sacer*, enfim, nos encontramos diante de uma vida nua residual e irredutível, que deve ser excluída e exposta à morte como tal, sem que nenhum rito e nenhum sacrifício possam resgatá-la (AGAMBEN, 2002, p. 107).

ⁱⁱ Adolfo Konder foi governador do Estado de Santa Catarina no período de 1926 a 1930.

ⁱⁱⁱ Informações originárias do Museu de Três Barras.

^{iv} O Rio Negrense, nº. 112. Rio Negro, 28 de novembro de 1926. Biblioteca Pública do Paraná. “Ouro Verde” foi o nome empregado como substituto de “Canoinhas” durante certo período na década de 1920. Tal mudança estava ligada ao fato do município ser, naquele período, um dos maiores produtores mundiais de erva mate.

^v Os movimentos pós-Contestado até o momento identificados são: O movimento de Jordão (1920), Cruzeiro (1921), Papudo-papuan (1923), Pitanga (1924), Monges Barbudos de Soledade (1935-38) e Timbó (1942) (BUENO, 2022).

^{vi} Com exceção do movimento de Cruzeiro (1921), em que a liderança do movimento é representada por uma mulher (BUENO, 2022).